

# A sinfonia noturna de Aurora Cursino dos Santos

---

Guilherme Franzon Berti

Silvana Jeha e Joel Birman escreveram um livro que, resultado do pós-doutorado de Silvana Jeha no Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), circula nos campos da história, da psicanálise, da história da arte e da literatura feminista, resgatando a vida e a obra de Aurora Cursino dos Santos, seu delírio, sua memória e as violências que sofreu em um passado tão recente.

Aurora Cursino dos Santos, nascida em 1896 em São José dos Campos (SP), entendeu que seu sofrimento começou com o casamento: casou-se com um homem de quem não gostava e não muito tempo depois entregou-se à prostituição. Ela foi prostituta entre 1910 e 1930 no Rio de Janeiro e em São Paulo e, apesar de mais tarde ter buscado outras formas de sustento, sem permanecer em um emprego, viveu em albergues, até ser internada em hospitais psiquiátricos. Em 1944, internada no Hospital Psiquiátrico do Juquery, participou da oficina de pintura criada por Osório César (1895-1979) e Mário Yahn (1908-1977), em que fez mais de 200 pinturas, em sua maioria a óleo, sobre papel-cartão e embalagem industrial. Em 1955, ela foi lobotomizada, falecendo em 1959, com 63 anos.

Para Jeha e Birman (2022), o que define Aurora é o crepuscular, o noturno, e, em suas obras, feitas de cores vivas, com mescla de fatos da vida e da imaginação, textos e personagens, observamos a “(...) noite como esconderijo; a cidade avessa, que não dorme; o sexo pago ou não, o sonho, o pesadelo, o mundo apartado...” (Jeha & Birman, 2022, p. 24). Aurora, que produziu imagens embaçadas pela loucura e pela memória, teve suas lembranças atravessadas pelos delírios e percorreu muitos temas pessoais e sociais, evidenciando a violência, os crimes, as relações familiares imaginadas e reais, a condição da mulher, os políticos e a prostituição. Todo esse repertório da artista foi “(...) um jorro de gritos e sussurros sobre opressões e violências, e eventualmente algumas belezas” (Jeha & Birman, 2022, p. 33).

Os quadros de Aurora, observam os autores, estilisticamente podem ser chamados de “pictografias”. São pinturas com textos, obras “tagarelas”, que recriaram o passado sem deixar espaços vazios. Essas pinturas, algumas exibidas no Masp, no MAM/SP, no MAC/SP, no CCBB/Rio, na Bienal de São Paulo no Sesc Pompeia e no MAR/Rio, não foram (até então) objeto de pesquisa nem de exposi-

ção individual. Aurora não está incluída na história da arte nem na das mulheres, somente na dos artistas loucos. O livro de Jeha e Birman (2022), na contramão desse apagamento, resgata a artista e contesta os paradigmas da história da arte, da mulher, da loucura e da psicanálise.

Aurora, em suas pinturas, protesta: “(...) ser puta, mãe, esposa e filha — enfim, ser mulher — foi e ainda é uma experiência trágica...” (Jeha & Birman, 2022, p. 21); aos olhos da sociedade, uma prostituta “(...) seria moralmente incapaz de aceder ao que existiria de sublime na experiência da maternidade” (Jeha & Birman, 2022, p. 41); também protesta contra homens que dirigem a vida e a genitália, juízes, médicos, militares, e doutores, “(...) num país onde valores cristãos e conservadores se enfiam vagina e útero adentro das mulheres, dizendo o que elas devem fazer com os seus corpos” (Jeha & Birman, 2022, p. 40); e denuncia: “(...) as mulheres herdaram a violência na tradição patriarcal, de mãe para filha” (Jeha & Birman, 2022, p. 49). O fim trágico: a artista, às margens da sociedade, foi punida, de forma violenta e cruel, pelas práticas disciplinares do discurso psiquiátrico.

Esse contexto leva os autores a um questionamento ímpar: “Por que poucos artistas, intelectuais, psicanalistas e feministas escutaram as prostitutas e hoje apenas uma minoria as escuta?” (Jeha & Birman, 2022, p. 72). Talvez essa pergunta ressoe, em alguma medida, com a provocação de Preciado (2022, p. 328): “Hoje, para vocês, psicanalistas, é mais importante ouvir as vozes dos corpos excluídos pelo regime patriarco-colonial do que reler Freud e Lacan”, e com a insistência de Magallanes (2021) para levarmos em conta a violência que os sistemas estruturais, simbólicos e estatais exercem sobre os corpos, as maneiras como marginalizam, causam sofrimento psíquico e constituem os sujeitos.

Entendo que Jeha e Birman (2022), nesse livro, também repensam a psicanálise e colocam em prática a hipótese de Birman (2023) de que em nossa sociedade existem dívidas marcadas por apagamentos, pela forclusão, que, se

(...) não são colocadas efetivamente no campo da clínica social brasileira ou dos processos de análise dos analisantes, nós estamos diante de um algo que não se analisa, um algo que não se desconstrói, e onde reproduzimos essa violência endêmica que vivemos no Brasil, a cada vez mais nas últimas décadas. (Birman, 2023, p. 25)

Aurora, no manicômio, depósito dos indesejados, valeu-se da arte como registro subjetivo de sua memória, da loucura, de suas experiências, e para tratar de “(...) uma realidade coletiva da mulher no que tange à opressão de gênero, de sexualidade, dos deveres de mãe, filha e esposa” (Jeha & Birman, 2022, p. 77). Para os autores, ela não foi somente artista louca, foi historiadora do Brasil, interpretou

a cena social brasileira, apresentou a violência do hospício e seus procedimentos ditos terapêuticos, foi uma artista de vanguarda, e sua narrativa, assim como a de outras pessoas, precisa ser incorporada “(...) à história social, à história das sensibilidades, da arte, do negro, da mulher, da prostituta...” (Jeha & Birman, 2022, p. 77) e da psicanálise.

Os autores, nesse livro, resgataram, para a psicanálise, para a história da arte e para o feminismo, a sinfonia noturna de Aurora e em seu ato contribuíram para “(...) afrouxar a camisa de força dos sujeitos da história...” (Jeha & Birman, 2022, p. 10), apontando caminhos para um (possível) acerto de contas com a realidade brasileira. *Aurora: memórias e delírios de uma mulher da vida* (2022) deve ser lido atentamente; é obra importante para nosso tempo; a escrita é impecável e apresenta, de maneira formidável, caminhos para avançar debates contemporâneos sobre o mal-estar em nossa sociedade.

## Referências bibliográficas

- Birman, J. (2023, janeiro/junho). Movimento psicanalítico: invisibilidades e desmentidos. *Cadernos de Psicanálise (CPRJ)*, Rio de Janeiro, 45(48), 11-26. Recuperado em 20 de outubro, 2023, de [https://www.cprj.com.br/ojs\\_cprj/index.php/cprj/article/view/484](https://www.cprj.com.br/ojs_cprj/index.php/cprj/article/view/484)
- Jeha, S., & Birman, J. (2022). *Aurora: memória e delírios de uma mulher da vida*. São Paulo: Veneta.
- Magallanes, F. (2021). Notas introductorias hacia una teoría metapsicopolítica y de imaginación corporeopolítica. *Psicoanálisis*, Buenos Aires, 43(1), 101-109. Recuperado em 20 de outubro, 2023, de <https://www.psicoanalisisapdeba.org/wp-content/uploads/2021/11/9.-MAGALLANES.pdf>
- Preciado, P. (2022). Eu sou o monstro que vos fala. *Cadernos PET Filosofia*, Curitiba, 22(1), 278-331. Recuperado em 20 de outubro, 2023, de <http://dx.doi.org/10.5380/petfilo.v22i1.88248>

**Recebido:** 01/06/2023

**Aprovado:** 15/06/2023